

PRÁTICAS, CONSUMOS E RISCOS DIGITAIS DOS JOVENS ESTUDANTES MOÇAMBICANOS

RELATÓRIO DO INQUÉRITO UAL/UEM

Investigadores: João Miguel, Bruno Carriço Reis, Paula Lopes, João Carlos Sousa, Carlos Pedro Dias e Inácio Júlio Macamo

Coordenadores:
João Miguel (UEM)
Bruno Carriço Reis e Paula Lopes (UAL/NIP-C@M)

UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA



Índice

1 - Sumário Executivo.....	5
2 - Análise dos dados	8
2.1 - Caracterização social e demográfica dos inquiridos	8
2.2 - Tempo e dispositivos de navegação na Internet.....	13
2.3 - Práticas e atividades digitais	16
2.4 - Direitos de autor na Internet.....	19
2.5 - Gestão e práticas nas redes sociais <i>online</i>	20
2.6 - Riscos e violência <i>online</i>	24
2.7 - Literacia digital.....	25
3 - Nota Metodológica	27
4 - Ficha Técnica	28

Índice de Figuras

Figura 1 – Distribuição por sexo.....	8
Figura 2 – Distribuição etária	9
Figura 3 – Residência	10
Figura 4 – Faculdade/Escola.....	10
Figura 5 – Curso	11
Figura 6 – Escolaridade do Pai e Mãe dos inquiridos	12
Figura 7 – Situação perante o trabalho do Pai e Mãe dos inquiridos	13
Figura 8 – Frequência com que navega na internet.....	14
Figura 9 – Número de horas diárias de navegação na internet	14
Figura 10 – Dispositivo com que acede à internet	15
Figura 11 – Atividades <i>online</i>	16
Figura 12 – Frequência de Práticas <i>online</i>	17
Figura 13 – <i>Sites</i> visitados.....	18
Figura 14 – Natureza dos <i>downloads</i> feitos na Internet	19
Figura 15 – Conhece os "direitos de autor na Internet"	19
Figura 16 – Tem perfil numa ou mais redes sociais.....	20
Figura 17 – Número de amigos nas redes sociais	21
Figura 18 – Definições de privacidade do perfil.....	21
Figura 19 – Informações partilhadas nas redes sociais.....	22
Figura 20 – Namorar na Internet	22
Figura 21 – Com quem namorou na internet	23
Figura 22 – Configurações de privacidade nas redes sociais	23
Figura 23 – Conhece alguém que sofreu violência e coação nas redes sociais	24
Figura 24 – Já experienciou as seguintes situações nas redes sociais.....	25
Figura 25 – Quem deve informar e ensinar	26

1 - Sumário Executivo

Este relatório expõe os resultados de um inquérito por questionário aplicado a jovens moçambicanos. Esta investigação, realizada por investigadores do Núcleo de Investigação em Práticas e Competências Mediáticas - NIP-COM da Universidade Autónoma de Lisboa, insere-se num projeto mais amplo, que tem como propósito estabelecer uma rede de investigação em práticas mediáticas em distintos países, abrangendo numa primeira fase diferentes realidades e contextos de Portugal, México, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

O principal eixo norteador do núcleo passa pelo estudo de práticas e competências mediáticas digitais e uso juvenil das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), estudando as oportunidades, riscos e danos associados a esses usos. Deste modo, os objetivos passam por: a) identificação de conjuntos de práticas e de consumos mediáticos e digitais, nomeadamente ao nível da produção de conteúdos; b) identificação/explicação de situações de risco e vulnerabilidades no mundo digital, como o *ciberbullying*, o roubo de perfis e de dados nas redes sociais, a exposição a conteúdos violentos e/ou a conteúdos eróticos ou pornográficos; c) compreensão de consumos noticiosos e consumos culturais realizados por via digital; d) Perceção de atitudes face aos novos media; e) descodificação de sociabilidades decorrentes do processo de interação dos indivíduos na esfera digital; f) tipificação de práticas dos indivíduos nas redes sociais, nomeadamente ao nível da economia da partilha e das práticas colaborativas; g) realização de análise de conteúdo de espaços/projetos digitais; h) avaliação de competências mediáticas dos indivíduos no uso das tecnologias.

Este documento que agora se apresenta sintetiza dados recolhidos por inquérito por questionário, aplicado a alunos do Ensino Superior moçambicano, oriundos de várias faculdades, num estudo realizado em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane, coordenado pelo professor João Miguel, cujos resultados permitem configurar os seguintes aspetos: a) caracterizar os alunos, circunstâncias sociais e profissionais dos progenitores; c) perceber o tempo dedicado diariamente à navegação na internet; d) discernir os dispositivos que são utilizados; e) identificar as atividades preferidas; f) apreender quais as práticas digitais mais frequentes; g) mapear os principais *sites* e motores de busca utilizados; h) identificar as práticas e estratégias de gestão da presença nas redes sociais digitais; i) compreender as perceções e práticas de risco digital.

No que concerne à metodologia, optámos por uma aproximação de natureza quantitativa com aplicação de um inquérito por questionário composto por 27 questões, obtendo-se uma amostra de 175 inquéritos validados. A maioria das questões que compõem o guião de

inquérito é de natureza fechada, contudo existem exceções, que se justificam em face da maior riqueza e diversidade das respostas¹.

Em termos orgânicos, o presente documento é composto por Sumário Executivo, Análise de Dados, Nota Metodológica e Ficha Técnica. A Análise de Dados subdivide-se em diversas secções: caracterização social e demográfica, tempo de navegação na internet e dispositivos utilizados, práticas e atividades digitais, direitos de autor na Internet, gestão e práticas nas redes sociais digitais e riscos e violência *online*. A exposição dos dados será apoiada pelo recurso a figuras que permitem ilustrar os dados.

Síntese dos principais resultados:

- Estamos perante uma população maioritariamente feminina, cifrando-se essa diferença entre géneros nos 17,2 pontos percentuais. A idade média dos inquiridos aproxima-se dos 23 anos.
- Não obstante a diversidade da área residencial, destacam-se Polana-Caniço, Matola e Magoanine com registos acima dos 10% cada. A maioria dos inquiridos é oriunda da Faculdade de Comunicação e Artes e seus respetivos cursos.
- O quadro familiar de origem dos inquiridos é dominado por um padrão de pais ativos no mercado laboral, tendo habilitações académicas ao nível do Ensino Secundário ou Superior na sua maioria.
- A larga maioria dos inquiridos declara aceder à internet “todos os dias”. Em termos médios, o tempo dispensado a esta tarefa cifra-se nas 5h30. Relativamente aos dispositivos, o telemóvel reúne larga preferência seguida a alguma distância do portátil.
- As atividades preferidas realizadas *online* encontram-se tanto no domínio puro do entretenimento como a participação em redes sociais *online*, como na procura de informação como notícias ou para realização de trabalhos escolares. Podemos falar numa certa ambivalência no que concerne às atividades e práticas *online*. É escassa e pouco frequente a realização de atividades mais complexas, como a gestão de um blogue ou a edição de conteúdos.
- Os *downloads* feitos na internet são para aproximadamente 2/3 dos inquiridos legais. Aproximadamente, nesta mesma proporção, aqueles que dizem conhecer os direitos de autor na internet.
- A grande maioria dos inquiridos tem presença em pelo menos uma rede social *online*, sendo o número de amigos mais comum até aos 200. Relativamente às informações mais

¹ Dois exemplos são os minutos de navegação na internet a nível diário, bem como a identificação dos *sites* preferidos.

comummente partilhadas são as fotografias de si próprio e o nome verdadeiro. Aproximadamente 1/4 já namorou na internet, fazendo-o tendencialmente com amiga(o). 1/3 dos inquiridos diz nunca ter mudado as configurações de privacidade das redes sociais *online*.

- Existe uma clara tendência de maior perceção e denuncia de situações de risco *online* vividos por terceiros, comparativamente àquelas vividas na primeira pessoa, com valores tendencialmente mais reduzidos. Ainda assim, “encontraram-se pessoalmente com alguém que conheceram na internet” e o “envio de conteúdos eróticos ou pornográficos” são as situações mais recorrentemente reportadas por amigos e familiares próximos dos inquiridos. Entre as vividas pelos próprios, destacam-se para “conversar em privado no chat”, “acesso indesejado a conteúdos violentos” e “acesso indesejado a conteúdos eróticos ou pornográficos”.

- Cabe sobretudo aos meios de comunicação e às empresas de serviço de internet o papel socializador, de acordo com o qual é imputada maior responsabilidade na transmissão e ensino de práticas e competência no âmbito da literacia digital.

2 - Análise dos dados

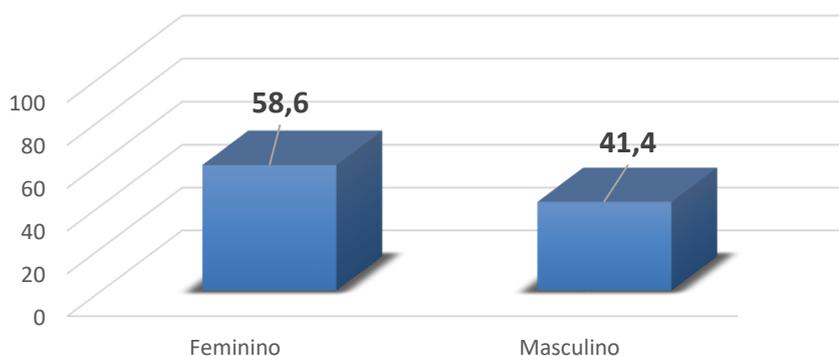
O relatório técnico que apresentamos é fundamentalmente de natureza expositiva e descritiva. Desta forma, excluímos qualquer tipo de inferência ou tentativa de construção de modelos de análise que visem o aprofundamento da reflexão. Com isto, pretende-se apresentar as linhas gerais dos resultados obtidos de um estudo que necessariamente requer maior aprofundamento dos investigadores e demais interessados.

Com esta exposição pretende-se aportar informação rara e preciosa aos investigadores que atuam em áreas tão diversas como práticas digitais, *cyberbullying* entre outros domínios, como o estudo da condição jovem no continente africano. No fundo, esta é mais uma iniciativa de divulgação e *outreach* que a Universidade Autónoma leva a cabo, num claro compromisso com a comunidade envolvente.

2.1 - Caraterização social e demográfica dos inquiridos

Na presente secção serão expostos, de forma breve, os resultados genéricos que permitem caracterizar social e demograficamente os inquiridos moçambicanos.

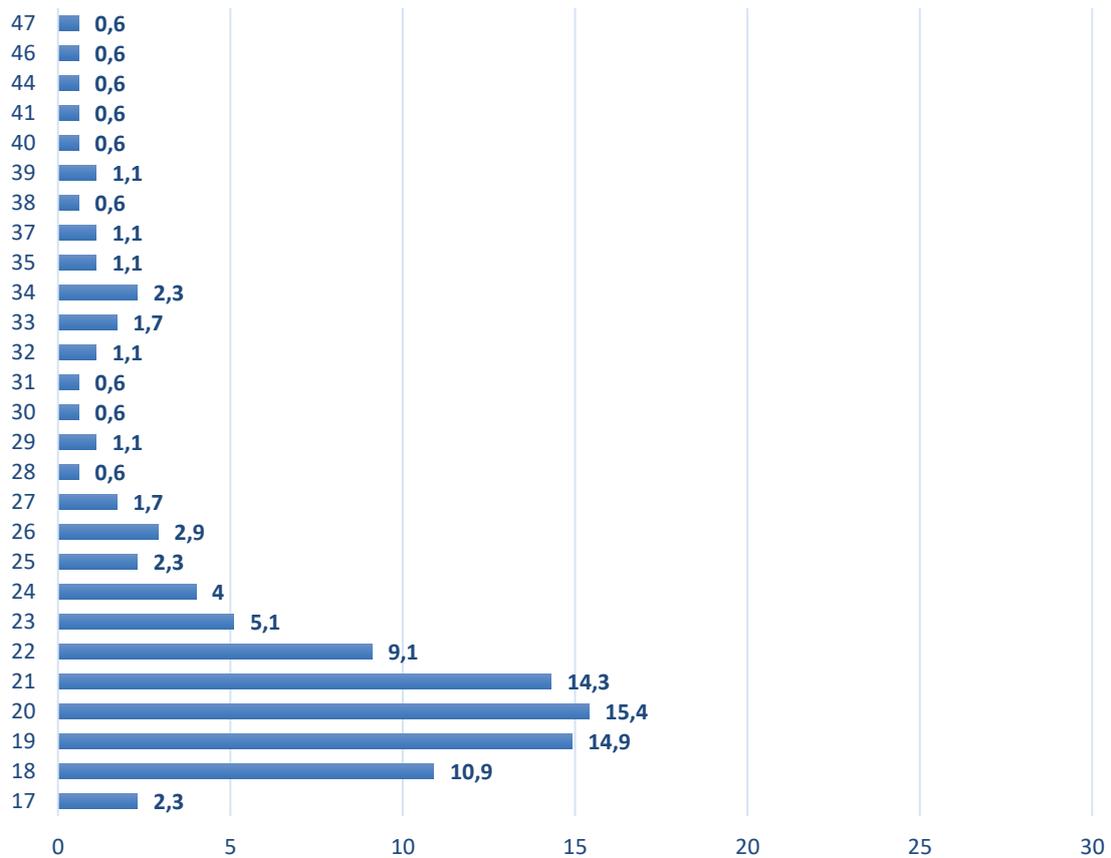
Figura 1 - Distribuição por sexo



Fonte: Elaboração própria

A amostra é constituída por uma maioria de entrevistados do sexo feminino (58,6%). A categoria masculina fica-se pelos 41,4% (cf. Figura 1).

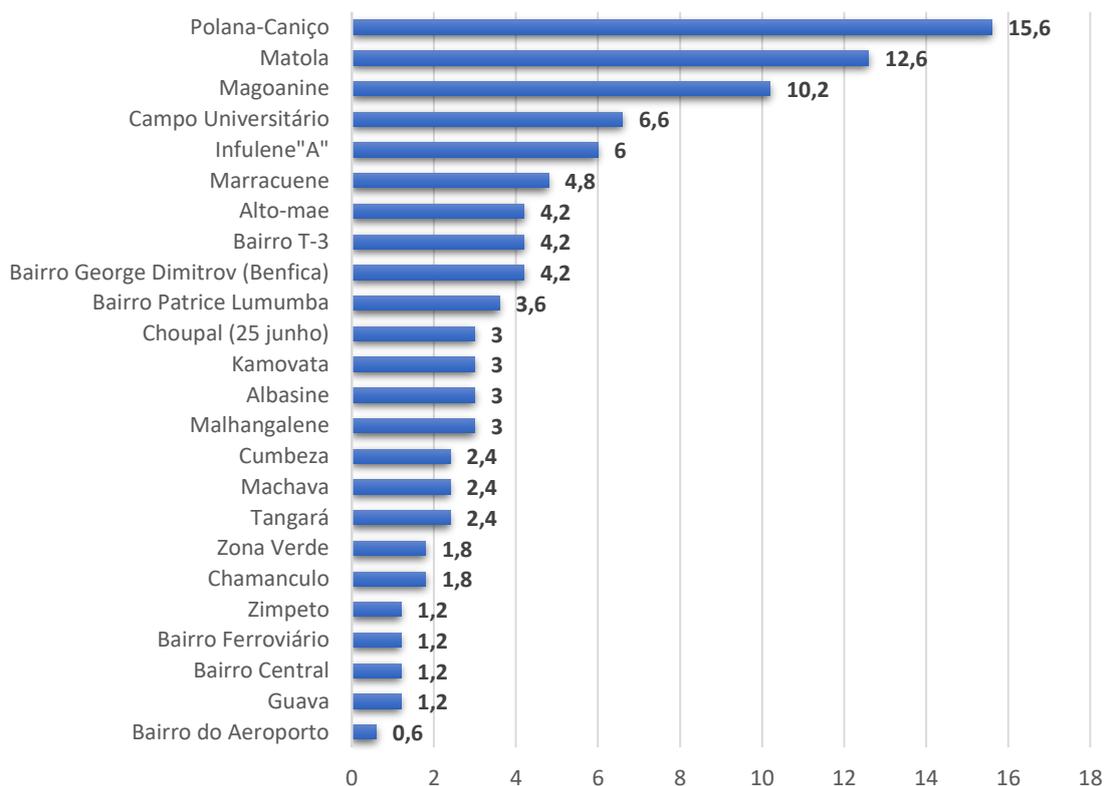
Figura 2 - Distribuição etária



Fonte: Elaboração própria

Em termos etários (cf. Figura 2), o destaque vai para o facto de a idade média aproximada rondar os 23 anos. A amplitude etária tem o seu mínimo nos 17 anos com 2,3% dos inquiridos e uma idade máxima de 47 anos para 0,6%. A idade modal cifra-se nos 20 anos com 15,4%.

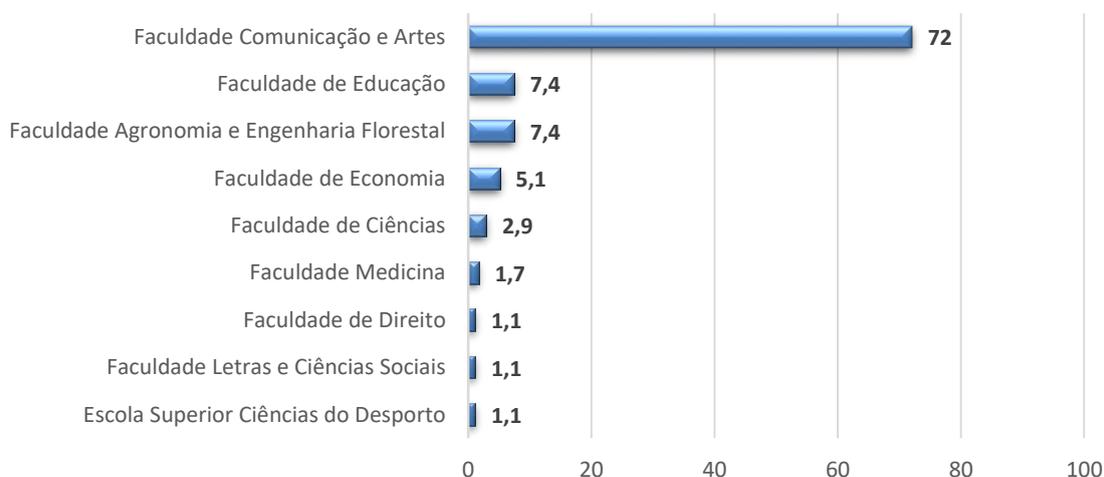
Figura 3 – Residência



Fonte: Elaboração própria

Existe alguma dispersão quanto ao bairro ou área de residência dos inquiridos (cf. Figura 3), uma vez que os inquiridos se dividem por 24 diferentes áreas residenciais. A maior concentração verifica-se em Polana-Caniço, ao cifrarem-se em 15,6% os inquiridos residentes. Com registos acima dos dois dígitos, existem ainda Matola e Magoanine com, respetivamente, 12,6% e 10,2%.

Figura 4 – Faculdade/Escola



Fonte: Elaboração própria

Tratando-se de uma amostra constituída exclusivamente por estudantes universitários, destaca-se a Faculdade de Comunicação e Artes, com 72% do total, seguida a alguma distância pela Faculdade de Educação e a Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, ambas com 7,4% de inquiridos. Os restantes inquiridos distribuem-se pelos restantes organismos de Ensino Superior.

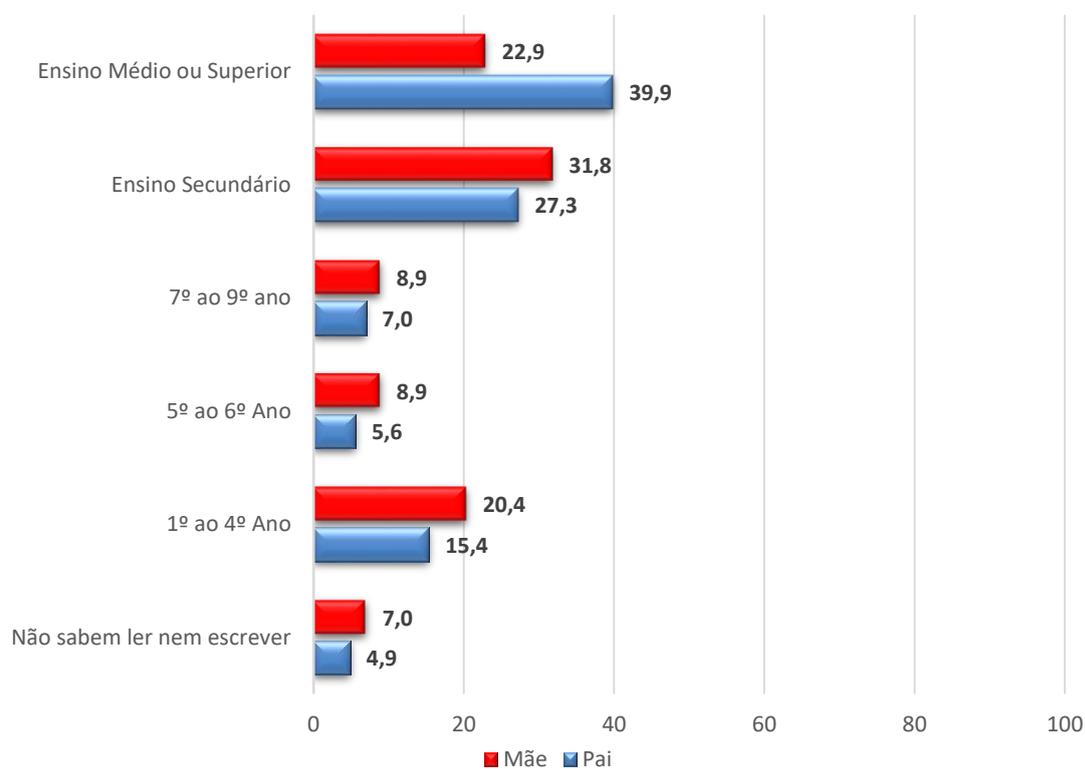
Figura 5 – Curso



Fonte: Elaboração própria.

Tal como se pode observar na Figura 5, relativa à distribuição por programa de formação, existe maior equilíbrio, com pelo menos três a ascenderem a registos superiores a dois dígitos: Marketing e Relações Públicas, com 24,1%, Arquivista, com 17,8%, e Jornalismo, com 17,2%. Uma nota ainda para frisar a existência de 24 cursos entre os inquiridos.

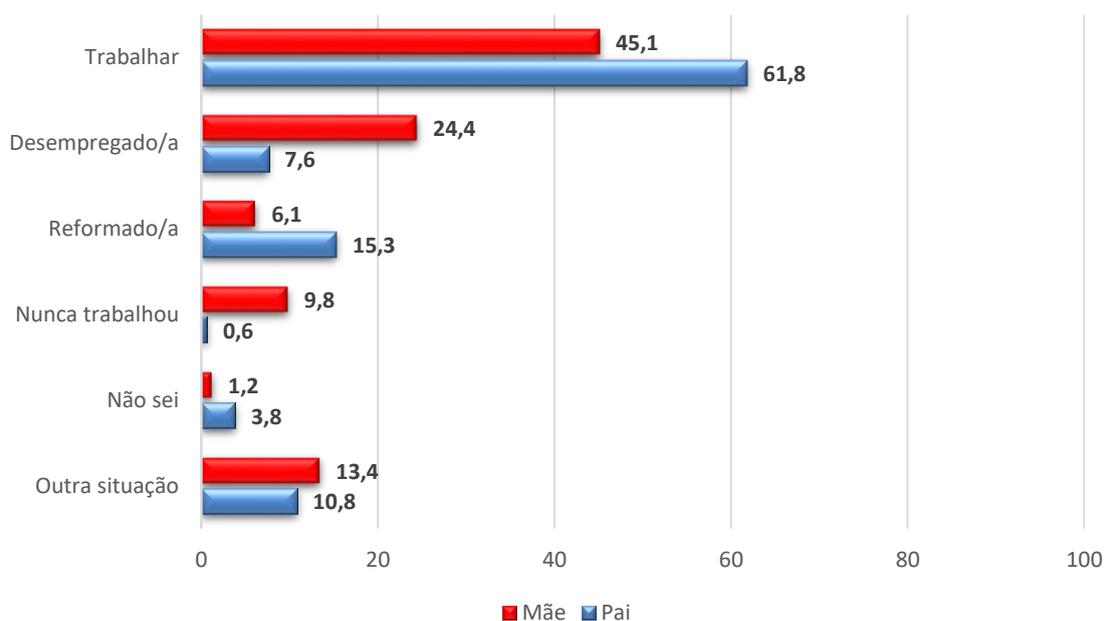
Figura 6 – Escolaridade do Pai e Mãe dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria.

Um aspeto relevante na caracterização social e que nos permite apreender melhor o quadro simbólico e cultural de origem dos inquiridos diz respeito à escolaridade dos pais. Desta forma, de acordo com a Figura 6 destaca-se o facto de as mães terem a sua categoria modal no Ensino Secundário, com 31,8%. Relativamente aos pais, a categoria modal situa-se no Ensino Médio ou Superior, ao cifrar-se pouco acima de 1/3, o que pode constituir-se como um indício de diferenças significativas entre os progenitores dos inquiridos. Uma nota ainda para sublinhar a existência de valores entre os 7% e os 4,9% entre mães e pais que não sabem ler nem escrever.

Figura 7 – Situação perante o trabalho do Pai e Mãe dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria.

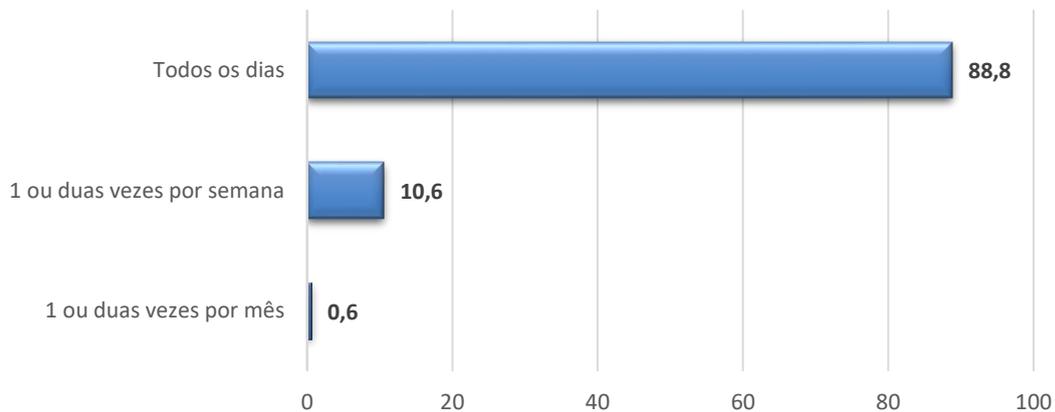
Ainda relativamente ao enquadramento familiar, foi ainda inquirida a situação dos progenitores relativamente ao trabalho. Os dados relativos à situação laboral são taxativos, uma vez que quase 2/3 dos inquiridos tem o pai a trabalhar, indicador que desce ligeiramente, para os 45,1% quando se trata das mães (cf. Figura 7). A segunda categoria com maiores valores refere-se a desempregados, no caso das mães com 24,4%, ao passo que para os pais é mais saliente a situação de reformado com 15,3%.

Em síntese, dir-se-á que os inquiridos que constituem a amostra são maioritariamente do sexo feminino, têm uma idade média de 23 anos. Distribuem-se por diversas áreas residenciais. Verifica-se ainda uma concentração de estudantes oriundos da Faculdade de Comunicação e Artes, e dos seus respetivos cursos. Na maioria dos inquiridos, os respetivos progenitores têm o Ensino Secundário ou Superior, o que pode indiciar alguma reprodução das posições sociais de partida. Finalmente, a maioria dos inquiridos declara que os seus respetivos progenitores estão atualmente no ativo no mercado de trabalho.

2.2 - Tempo e dispositivos de navegação na Internet

A segunda secção tem como objetivo a exposição, de forma genérica, dos dados relativos ao tempo disponibilizado diariamente na navegação na internet e a tipologia de dispositivos utilizados para esse efeito.

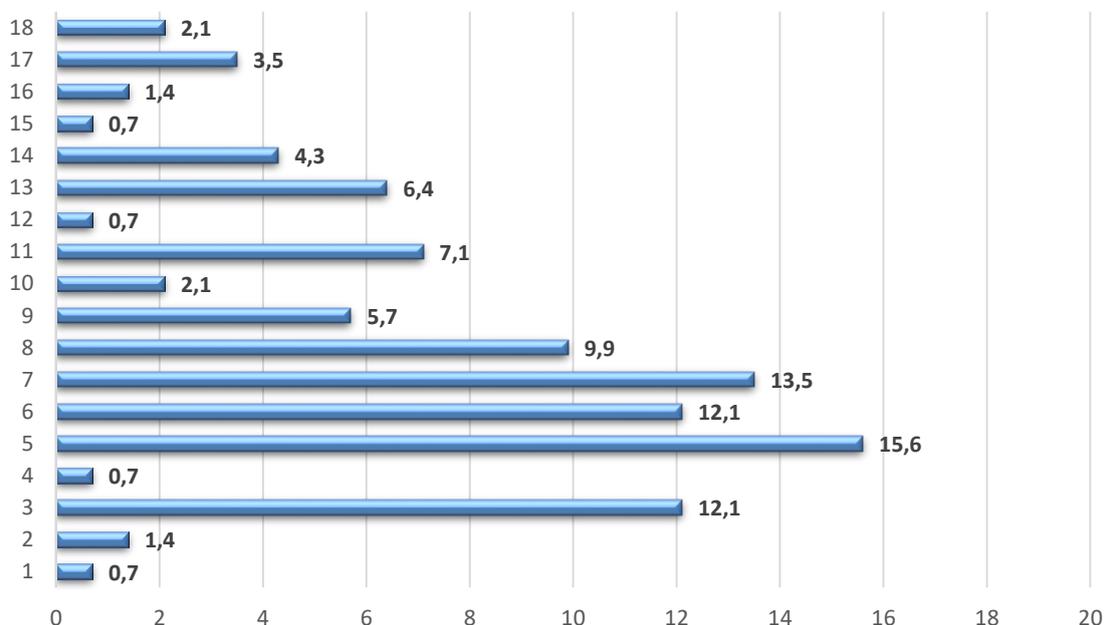
Figura 8 – Frequência com que navega na internet



Fonte: Elaboração própria

Inicialmente era questionada a frequência com que acedem à internet (cf. Figura 8). Deste modo, 88,8% fazem-no todos os dias. Apenas 11,2% o fazem com menor frequência. A partir da opção “todos os dias”, aos inquiridos era solicitado que mensurassem quantitativamente o tempo despendido diariamente nas várias tarefas que são realizadas nas mais diversas plataformas *online*.

Figura 9 – Número de horas diárias de navegação na internet

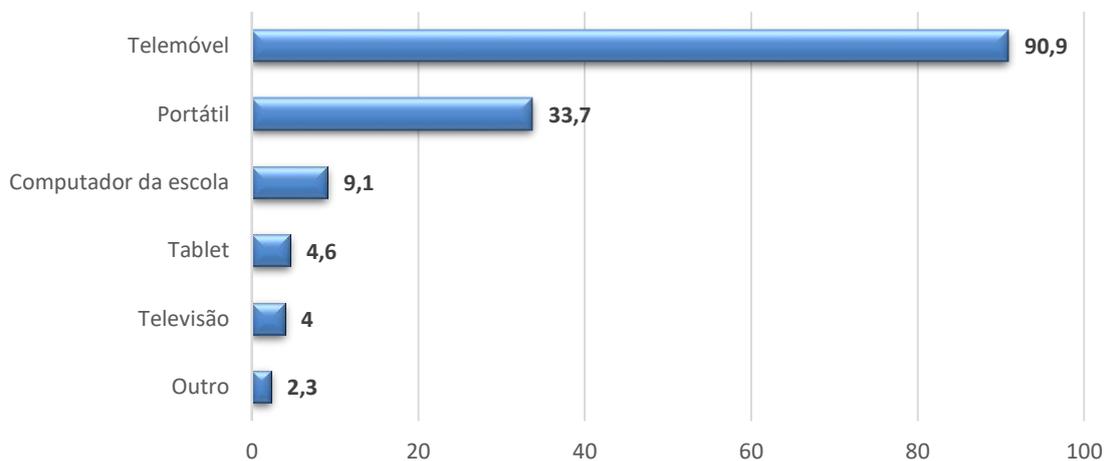


Fonte: Elaboração própria

A Figura 9 ilustra o tempo que os diversos inquiridos declaram mobilizar diariamente no desempenho das várias atividades na internet, em número de horas. Em termos médios, o

registo diário por inquirido é de 322 minutos o quase traduz em aproximadamente 5h30 minutos. A moda situa-se nas 5 horas com 15,6%. Já a mediana situa-se nos 240 minutos de navegação diária.

Figura 10 – Dispositivo com que acede à internet



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla)

Entre os dispositivos mais utilizados para a navegação na internet nos seus quotidianos, os jovens universitários moçambicanos inquiridos referem que dão prioridade ao telemóvel (90.9%). Destaque ainda para aproximadamente 1/3 fazê-lo com o portátil (cf. Figura 10).

2.3 - Práticas e atividades digitais

A presente secção versa sobre as atividades realizadas no espaço digital, a sua frequência e ainda os *sites* mais frequentados pelos jovens moçambicanos inquiridos.

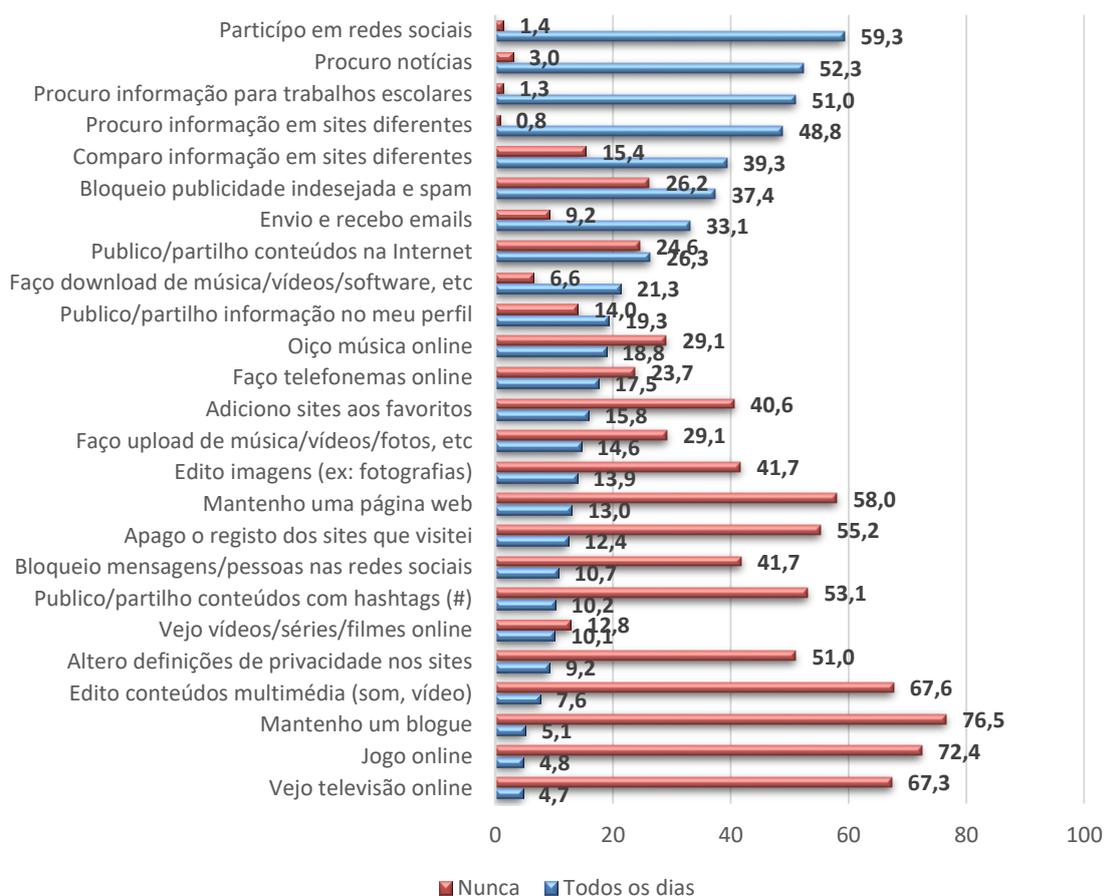
Figura 11 - Atividades online



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla)

Uma das questões centrais da presente exposição passava por indagar que práticas os inquiridos priorizam quando estão a navegar na internet. As mais frequentes são: “procurar informação que me interessa” foi selecionada por mais de metade dos inquiridos (54,9%); “procurar informação para trabalho escolar”, com 53,1%, e “participar nas redes sociais”, com 43,4% (cf. Figura 11). A restante distribuição empírica dos dados pulveriza-se pelas outras atividades digitais enunciadas.

Figura 12 – Frequência de Práticas online



Fonte: Elaboração própria.

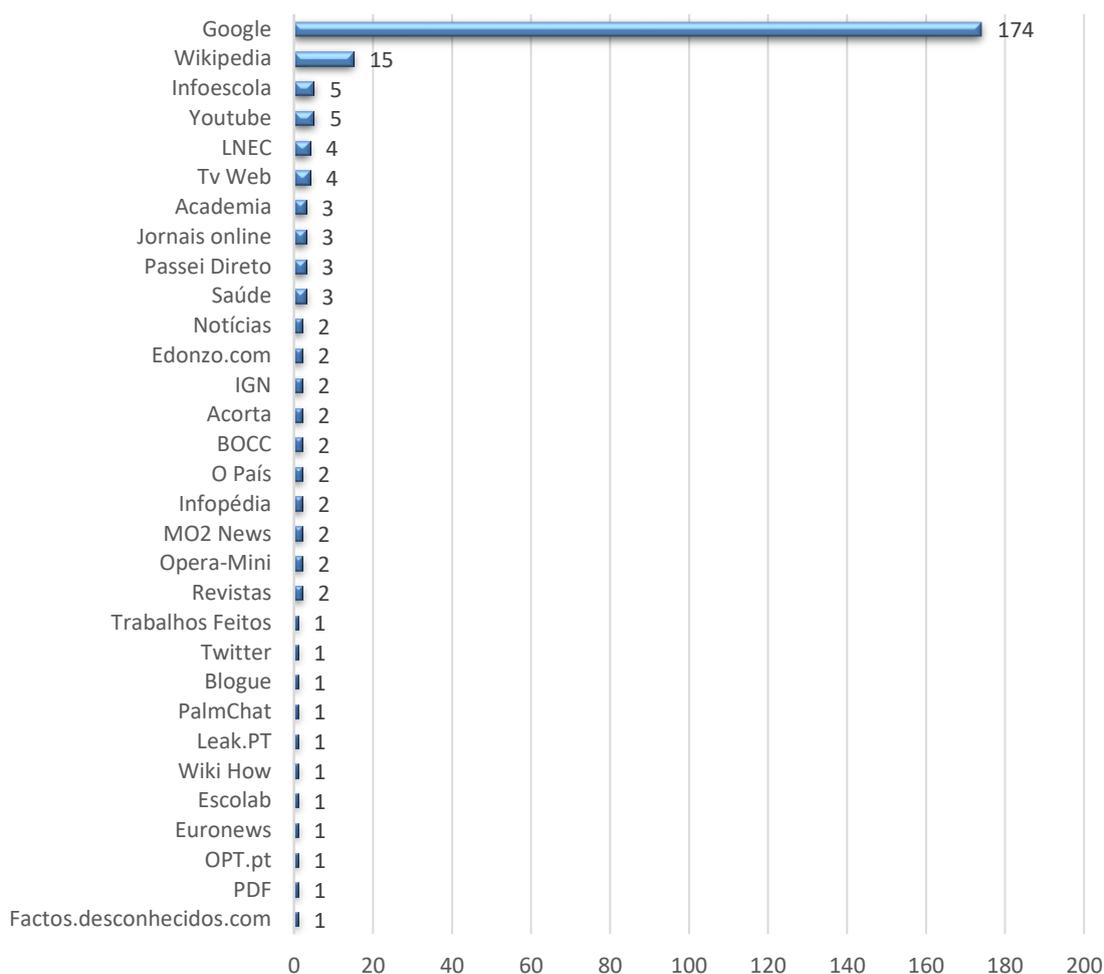
A bateria seguinte de questões versa sobre a frequência de um potencial conjunto muito diversificado de atividades digitais. A representação gráfica desta questão está sintetizada na Figura 12 com os registos das duas categorias polarizadoras (todos os dias e nunca). Deste modo, é perceptível que “participo nas redes sociais” é a atividade que é realizada com maior frequência por parte de 59,3% dos inquiridos. No lote de práticas com maior frequência média encontram-se ainda “procuo notícias” e “procuo informação para trabalhos escolares” com, respetivamente, 52,3% e 51,0%. Estas são as únicas três atividades que têm a maioria dos inquiridos a realizá-las diariamente. Nos antípodas desta situação, encontra-se “vejo televisão online”, “jogo online” e “mantenho um blogue”, todas elas com mais de 2/3 dos inquiridos a admitir que nunca o faz.

A figura seguinte (cf. Figura 13)² ilustra a distribuição empírica dos dados resultante da

² Nesta questão em particular optou-se pela apresentação dos dados absolutos, em detrimento dos pesos percentuais uma vez que a maioria das categorias regista números muito baixos. Deste modo, ilustra-se com mais exatidão da real distribuição dos dados.

questão que indagava os inquiridos sobre os *sites* mais acedidos. Deste modo, observa-se que o Google é a plataforma mais utilizada (174 casos). Uma tentativa de aproximação a uma explicação será considerar este motor de busca como o ponto de partida para a efetiva navegação, incluindo a utilização de aplicações e ferramentas associadas à marca Google, como o Chrome. Com registos assinaláveis surgem também a Wikipedia (15 casos) e a Infoescola e Youtube, com cinco casos cada.

Figura 13 – Sites visitados



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla)

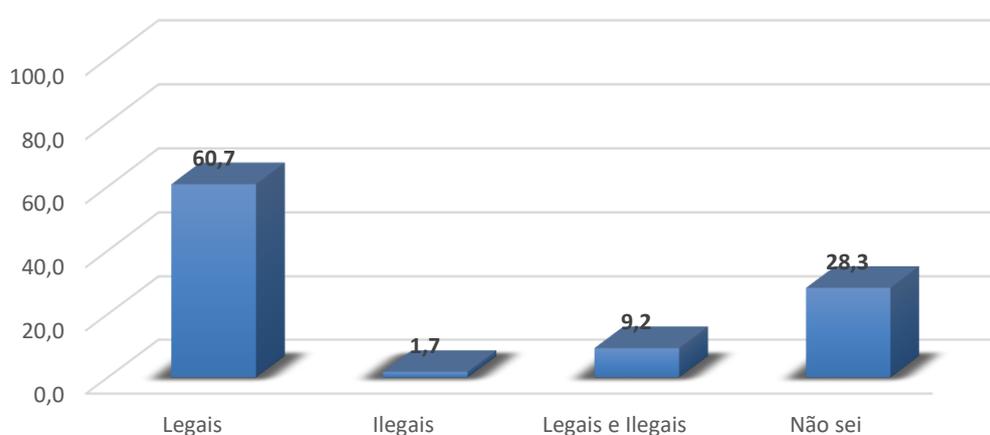
O âmago da presente secção está na avaliação das atividades realizadas e sua frequência. Nesse sentido e olhando de forma muito genérica os dados, verificamos que existem práticas de complexidade mais elementar entre as mais frequentes e mais complexas entre aquelas com menor frequência entre os inquiridos. Entre as práticas mais frequentes encontramos não só atividades marcadamente de entretenimento, mas também relacionadas com

atividade escolar e académica dos inquiridos. Os *sites* mais visitados versam sobretudo em torno do motor de busca Google e algumas das suas ferramentas, como o Youtube.

2.4 - Direitos de autor na Internet

A secção que agora se inicia é composta por apenas duas questões que têm como denominador comum a abordagem às perceções que os inquiridos têm acerca dos direitos de autor relativamente a conteúdos que se encontram nas plataformas *online*.

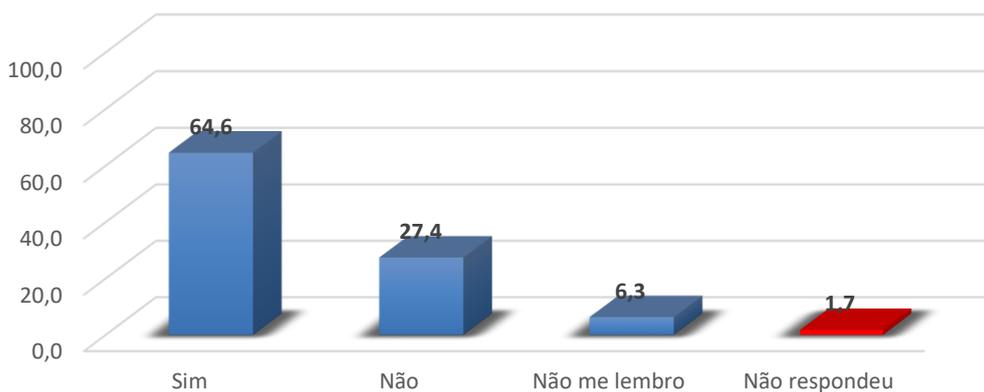
Figura 14 – Natureza dos *downloads* feitos na Internet



Fonte: Elaboração própria

Quase 2/3 dos inquiridos, mais precisamente 60,7%, declaram que os *downloads* que fazem, a partir de plataformas *online*, têm uma natureza estritamente legal (cf. Figura 14). Antagonicamente, cifra-se em apenas 1,7%, os inquiridos moçambicanos deste estudo que mencionam fazer *downloads* ilegais. Nota ainda para frisar que 1/4 diz não saber a natureza dos conteúdos retirados da internet.

Figura 15 – Conhece os "direitos de autor na Internet"



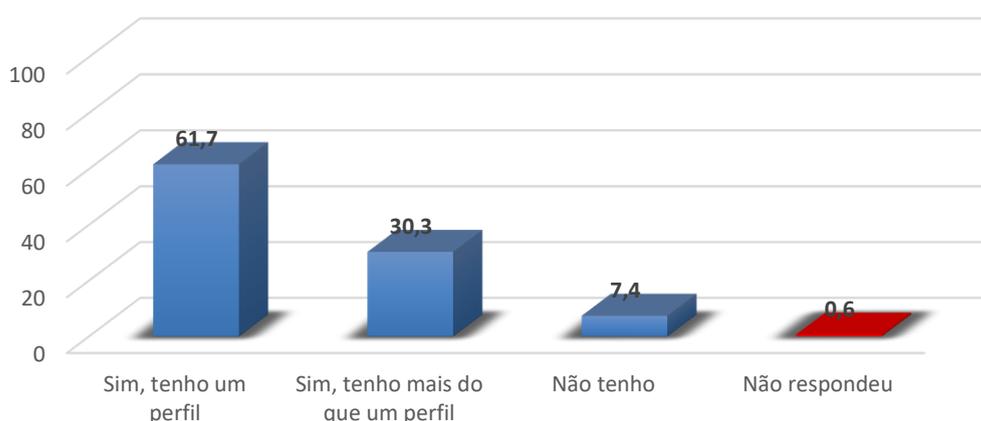
Fonte: Elaboração própria

Cifra-se em aproximadamente 65% os inquiridos que mencionam conhecer os direitos de autor na internet (cf. Figura 15). Apenas 27,4% assume não ter conhecimento da legislação em vigor relativamente a direitos de autor na internet. A ideia geral é de que existe algum conhecimento, pelo menos ao nível discursivo, relativamente aos direitos de autor vigentes no espaço *online*.

2.5 - Gestão e práticas nas redes sociais *online*

A secção seguinte tem como objetivo descrever os dados obtidos acerca da gestão e os procedimentos dos inquiridos em contexto de plataformas digitais e mais concretamente nas redes sociais *online*.

Figura 16 - Tem perfil numa ou mais redes sociais

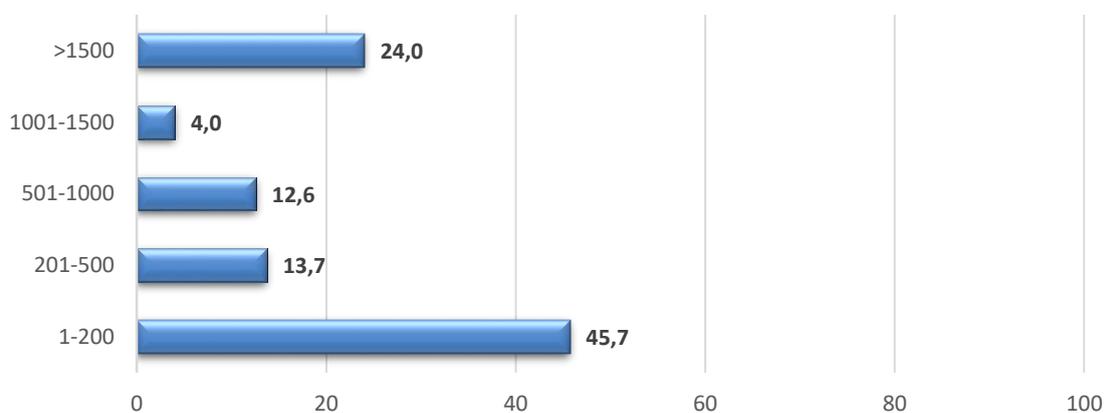


Fonte: Elaboração própria

Como é observável na Figura 16, quase 62% dos inquiridos declararam que têm perfil numa rede social digital. Aproximadamente 30%, mais precisamente 30,3%, dizem estar

presentes em duas ou mais redes sociais digitais. Desta forma, é bastante diminuto o número de inquiridos que não está presente nas redes sociais *online* (7,4%) com pelo menos um perfil.

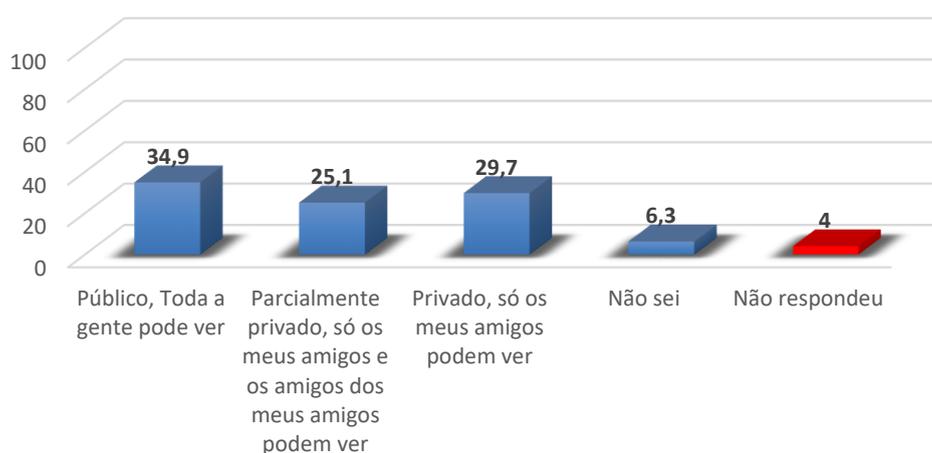
Figura 17 – Número de amigos nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao número de “amigos” que estes jovens dizem ter nas redes sociais *online*, a distribuição empírica dos dados da amostra tem a sua categoria modal no registo que contempla um número entre os 1 e 200 amigos, albergando um 45,7% das respostas dadas (cf. Figura 17). Por outro lado, há também 24% de inquiridos que dizem ter um número de “amigos” superior a 1.500 neste tipo de plataformas.

Figura 18 – Definições de privacidade do perfil

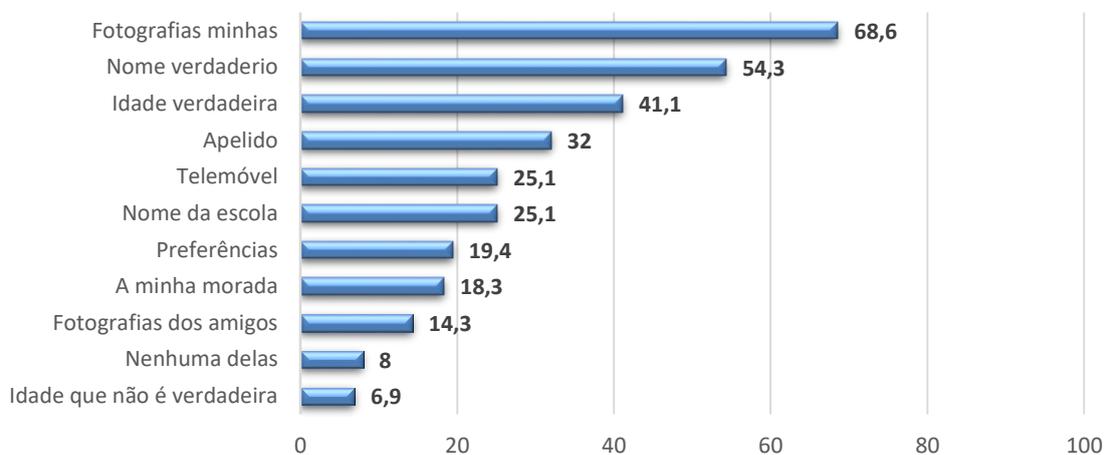


Fonte: Elaboração própria

Quase 35% são aqueles que dizem que tudo o que publicam é explicitamente público, não alterando a configuração dos critérios de privacidade. Cerca de 25% dizem que

parcialmente tornam público os conteúdos que partilham nas redes sociais digitais e 29,7% dizem fazê-lo apenas “para amigos” (cf. Figura 18).

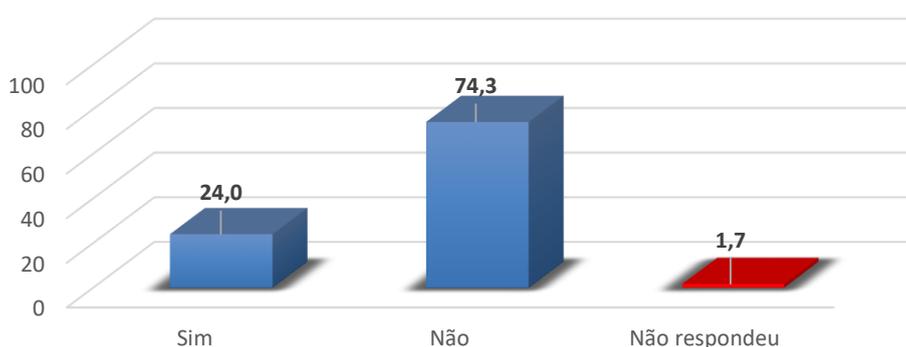
Figura 19 – Informações partilhadas nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla)

No role de questões ilustradas pela Figura 19, tentámos perceber que tipo de conteúdos são partilhados. Os dados são claros a esse nível: 68,9% dizem partilhar “fotografias minhas”, visivelmente o tipo de conteúdo mais partilhado nesta amostra, seguido do “nome verdadeiro” com 54,3%. Com 41,1% surge a “idade verdadeira”, depois com 32% o “apelido” e o “número de telemóvel”, com 25,1%.

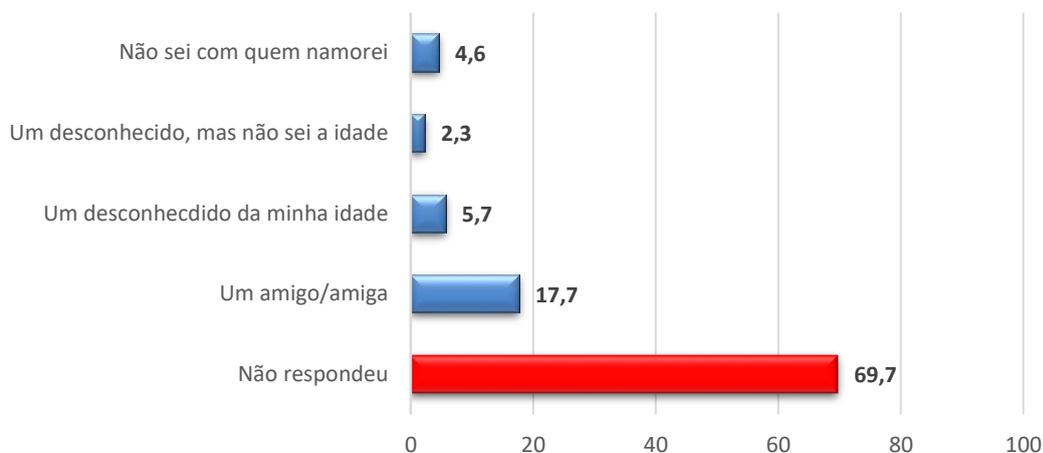
Figura 20 – Namorar na Internet



Fonte: Elaboração própria

Os dados contidos na Figura 20 revelam que aproximadamente $\frac{1}{4}$ dos inquiridos admite já ter namorado na internet.

Figura 21 – Com quem namorou na internet



Fonte: Elaboração própria

A jusante da questão anterior, tentámos perceber com quem já namorou na internet. Os dados ilustrados na Figura 21 indicam que uma parte considerável o fez com “amigo(a)” (17,7%). Mais de 2% dos inquiridos assume tê-lo feito com alguém que lhe era desconhecido e cuja idade era uma incógnita.

Figura 22 – Configurações de privacidade nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria

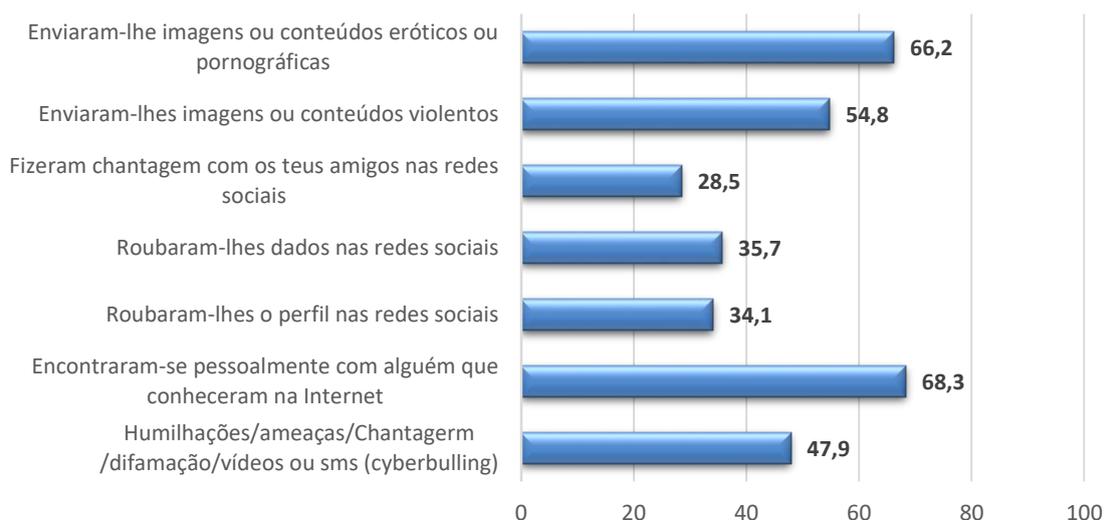
Dos inquiridos, 30,3% afirmam nunca ter alterado as configurações de privacidade das redes sociais *online* onde tem conta (cf. Figura 22) e 6,9% declaram não saber como o fazer. Em síntese, dir-se-á que é superior a 90% o número de inquiridos que tem pelo menos uma presença numa rede social *online*. O número de “amigos” nas redes sociais diferencia dois grandes grupos: os que têm um número até 200 amigos e os que registam um valor superior

a 1500. Mais de 1/3 dos inquiridos sabe que tem o perfil aberto para toda a gente ver. As fotografias de si próprio e o nome verdadeiro são as informações mais vulgarmente partilhadas nas redes sociais *online*. Cerca de 1/4 dos inquiridos assume já ter namorado na internet fazendo-o tendencialmente com amiga(o). Cerca de 1/3 dos inquiridos admite nunca ter mudado as configurações de privacidade das redes sociais *online* em que participa.

2.6 - Riscos e violência *online*

Na penúltima secção foram abordadas as experiências dos inquiridos, vividas na primeira pessoa ou por alguém da sua rede social de contactos, no que diz respeito a comportamentos e condutas que se podem catalogar como de risco nas diversas plataformas digitais.

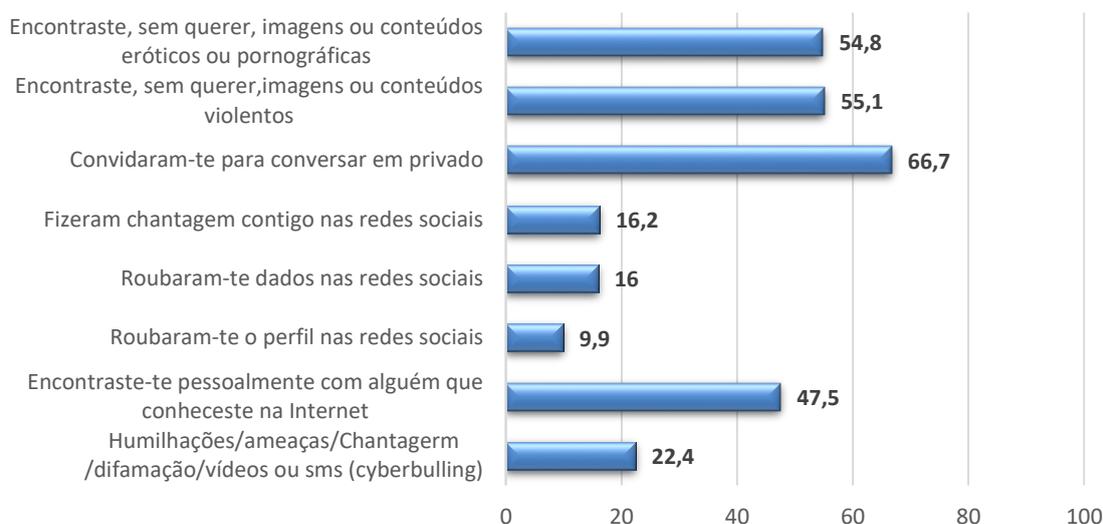
Figura 23 – Conhece alguém que sofreu violência e coação nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla). Não inclui “não respostas”.

Em termos gerais, dever-se-á sublinhar que três das sete preposições têm uma maioria afirmativa no sentido de conhecer alguém que já tenha vivenciado alguma destas situações (cf. Figura 23). Deste modo, aquela que se configura como mais recorrente (68,3%) diz respeito a categoria de “encontraram-se pessoalmente com alguém que conheceram na internet”. Nesta senda, são 66,2% aqueles que dizem conhecer alguém que já recebeu conteúdos eróticos ou pornográficos via internet. Há ainda a mencionar o envio de imagens com violência, com 54,8% dos casos. A circunstância menos frequente é a chantagem realizada via redes sociais *online* ao cifrar-se nos 28,5%.

Figura 24 – Já experienciou as seguintes situações nas redes sociais



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla). Não inclui “não respostas”.

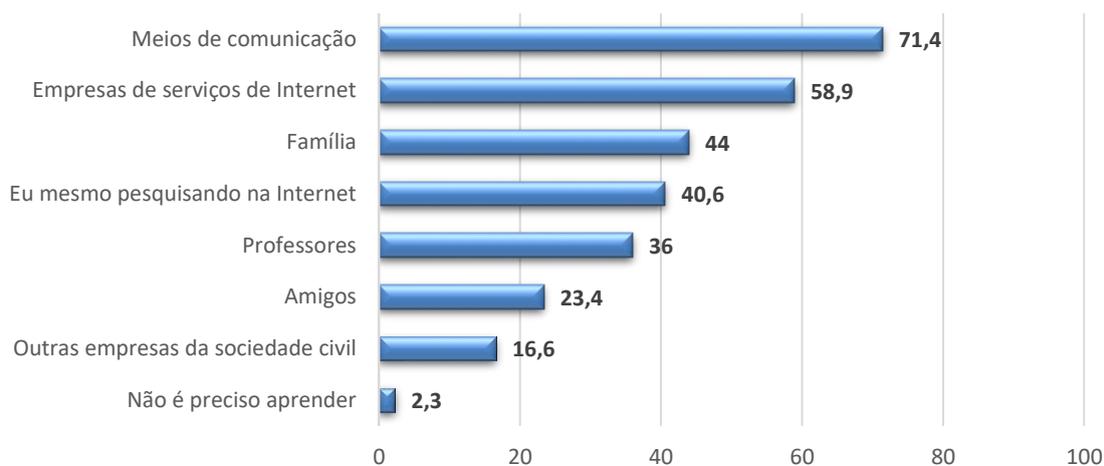
A segunda bateria de questões era similar à anterior, contudo focava a experiência pessoal do inquirido (cf. Figura 24). Interessante que, em geral, os registos afirmativos são inferiores ao conjunto de questões anteriores, particularmente na questão relativa às humilhações, ameaças e chantagem (22,4%), mas o registo mais baixo diz respeito ao roubo do perfil nas redes sociais, com 9,9%. Ainda no role das situações menos frequentes estão o roubo de dados nas redes sociais (16%) e ainda a chantagem nas redes sociais, com 16,2%. Relativamente às situações mais frequentes, existem três que se destacam e que detêm registos superiores a 50%: convite para conversar em privado, encontrar conteúdos violentos de forma inadvertida e ainda o contacto com imagens e conteúdos de teor erótico ou pornográfico com, respetivamente, 66,7%, 55,1% e 54,8%.

Em termos gerais, os inquiridos indiciam ter maior facilidade em identificar situações de risco que envolvam outros atores, como amigos ou familiares, comparativamente às experiências vividas em primeira pessoa no espaço digital.

2.7 - Literacia digital

A última secção aborda a literacia digital de forma genérica e apenas por intermédio de uma questão que tem na Figura 25 os dados empíricos recolhidos.

Figura 25 – Quem deve informar e ensinar



Fonte: Elaboração própria (resposta múltipla)

Da leitura da Figura 25 resulta uma primeira evidência substantiva: os inquiridos esperam que os meios de comunicação sejam o principal agente de socialização de literacia digital (71,4%). De forma complementar, para 58,9% dos inquiridos as empresas de serviço de internet têm essa responsabilidade. A terceira posição é representada pela família, ao registar 44% como agentes privilegiados nesse processo de capacitação. Uma nota ainda para frisar os 36% de inquiridos que acreditam que essa capacitação também passa pela proatividade dos seus professores. As restantes opções afastam-se destes registos. Deste modo, e de acordo com os jovens inquiridos moçambicanos, cabe sobretudo aos meios de comunicação e às empresas de serviço de internet a transmissão de competências de literacia dos *media* que permitam potenciar os conhecimentos/ capacidades/habilidades e atenuar os riscos dos atores em contexto *online*.

3 - Nota Metodológica

A operacionalização da pesquisa empírica foi perspectivada desde uma estratégia metodológica quantitativa-extensiva, tendo por base o inquérito por questionário.

Este instrumento metodológico foi desenvolvido por um grupo de investigadores do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa, a partir do cruzamento de diversas fontes de informação. As mais importantes foram o inquérito europeu EU Kids *Online* e diversos estudos da responsabilidade do britânico Office of Communications (Ofcom), do português Observatório da Comunicação (OberCom) e da ONG brasileira SaferNet.

Na sua versão final, o questionário continha 27 questões, agrupadas nos seguintes blocos temáticos:

- Dados sociodemográficos e de contexto familiar;
- Práticas digitais;
- Riscos e vulnerabilidades no mundo digital;
- Literacia mediática.

O inquérito por questionário foi aplicado a uma amostra 175 alunos que frequentavam a Universidade Eduardo Mondlane, no polo na cidade de Maputo, instituição pública integrada no sistema de Ensino Superior moçambicano. O questionário foi preenchido diretamente pelos estudantes que eram abordados, solicitando-os para esse efeito.

Foram validados 175 inquéritos tendo como critério o preenchimento até à questão relativa à frequência de práticas *online* (metade do inquérito).

A recolha dos dados decorreu ao longo do primeiro semestre do ano letivo de 2019-2020. O trabalho de campo foi da responsabilidade do coordenador do estudo em Moçambique, Professor João Miguel. O tratamento de dados foi realizado em SPSS – Versão 28.

4 - Ficha Técnica

Título	Práticas, consumos e riscos digitais dos jovens estudantes moçambicanos
Data da realização do estudo	2019-2020
Coordenação	João Miguel, Bruno Carriço Reis e Paula Lopes
Investigadores	João Miguel, Bruno Carriço Reis, Paula Lopes, João Carlos Sousa e Carlos Pedro Dias
Assistentes de investigação	Inácio Júlio Macamo
Financiamento	Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) Universidade Eduardo Mondlane (UEM)

Estudo realizado em 2021

ISBN: 978-989-9002-19-7

DOI: <https://doi.org/10.26619/UAL-CC/WP012021>

Universidade Autónoma Editora